

CENTRO DE HISTÓRIA DA CULTURA

---

PÈRE FERRE

«O REI E A VIRGEM ROMEIRA»:  
UMA BALADA EUROPEIA *AO DIVINO?*



Lisboa  
1998

e mu 2 127 11

## "O REI E A VIRGEM ROMEIRA": UMA BALADA EUROPEIA AO DIVINO?

Pere Ferré  
FCSH/UNL (\*)

Para Samuel G. Armistead

Já foi sobejamente comentada, ainda que não tenha merecido o número de investigações correspondente ao seu interesse, a relação entre o romanceiro profano e o romanceiro religioso, bem como a questão das origens deste último assentarem na passagem *ao divino* dos romances pertencentes, normalmente, a temas de assunto épico peninsular e carolíngio e históricos<sup>(1)</sup>.

Por outras palavras, a designação romanceiro religioso aplica-se apenas a textos referentes ao nascimento, vida e paixão de Jesus, mais ou menos concordantes com as lições do Novo Testamento, gerados a partir da estrutura de um romance velho, pré-existente, de tema profano que, para o efeito, será vertido ao divino.

Com esta precisão delimita-se, dentro do chamado romanceiro de tema religioso, o romanceiro religioso propriamente dito e o de milagres, cujas origens não correspondem às acima enunciadas<sup>(2)</sup>, podendo

---

(\*) Instituto de Estudos sobre o Romanceiro Velho e Tradicional

(1) "El esfuerzo realizado en el s. XVI y comienzos del s. XVII por una legión de pequeños poetas empeñados en proporcionar al pueblo un romancero cantable de contenido espiritual tuvo un éxito notable. La tradición oral de los pueblos hispánicos conserva un amplio repertorio de "materias cristianas y religiosas" con firmas (*sic*) raíces en el romancero "a lo divino" del Siglo de Oro. El lenguaje poético tradicional, aplicado "a otro mejor sentido" que aquel en que se formó, permitió borrar los márgenes entre el romancero viejo y sus contrafacta espirituales y facilitó la conversión de los romances cristológicos y marianos en auténtica poesía popular." (D. Catalán, "El romancero espiritual en la tradición oral", in *Schwerpunkt. Siglo de Oro. Akten des Deutschen Hispanistentages, Wolfenbüttel*, 28. 2-1.3. 1985, Hamburgo, Helmut Buske Verlag, 1987, p. 68.

(2) O romance de "La galera de la Virgen" é um dos raríssimos casos em que um tema religioso não tem como origem um romance de assunto épico peninsular, carolíngio ou histórico. Provém do "Infante Arnaldos", balada peninsular que tem suscitado os mais desencontrados comentários interpretativos (Cf. muito especialmente, para além dos estudos de Menéndez Pidal, o notável artigo de Leo Spitzer, "The Folkloristic Pre-Stage of the Spanish Romance 'Conde Arnaldos'" e "Annex to *HR*, XXIII, 173-174 ('Conde Arnaldos')" publicados, respectivamente em *Hipanic Review*, XXIII, 1955, pp. 173-187 e XXIV, 1956, pp. 64-66 e o polémico mas extremamente convincente estudo de Cesare Acutis, "Romancero ambiguo (Prenotorietà e frammentismo nei romances dei secoli XV e XVI)", *Miscellanea di Studi Ispanici*, I, 1974, pp. 43-80) mas que reúne o consenso de ser considerado um romance de origem baladística.

mesmo sobreviver, nos nossos dias, graças a sucessivas reformulações tradicionais de primitivas baladas europeias<sup>(3)</sup>.

Deste modo, como regra o romanceiro religioso deriva de um tema romancístico ou mesmo baladístico vertido ao divino, enquanto o romanceiro de milagres, procedendo ou não de uma balada, não é sujeito, *normalmente*, a um processo de *divinização*.

Ao recordar hoje um artigo de Paul Bénichou, publicado há mais de 40 anos<sup>(4)</sup>, não o faço somente para comemorar um marco nos estudos de poesia tradicional no âmbito dos estudos comparativistas, mas porque creio que, à luz das importantes descobertas enunciadas nesse artigo, podemos acrescentar não só mais um caso de inequívocas relações genéticas entre uma balada e um romance<sup>(5)</sup>, mas, muito principalmente, a preservação, no âmbito do romanceiro hispânico, de

<sup>(3)</sup> Cf. por exemplo, o romance de milagres vulgar do "Lázaro y el rico avariento", vulgarmente conhecido, na tradição portuguesa sob a designação de "O rico avarento", que tem paralelos folclóricos na Europa (cf. Maria Aliete Farinho das Dores Galhoz, "O romance popular sagrado 'O rico avarento': tradição peninsular e comparação com a balada 'Dives and Lazarus'", in Pedro M. Piñero, Virtudes Atero, J. Rodríguez Baltanás e María Jesús Ruíz (org. de), *El Romancero. Tradición y pervivencia a fines del 23-26 de Junio de 1987*; Sevilla - Cádiz, Fundación Machado - Universidad de Cádiz, 1989, pp. 145-157).

<sup>(4)</sup> Paul Bénichou, "La belle qui ne saurait chanter". Notes sur un motif de poésie populaire", *Revue de Littérature Comparée*, XXVIII, 1954, pp. 257-281.

<sup>(5)</sup> Autores como Menéndez Pelayo, Menéndez Pidal, Paul Bénichou, Diego Catalán ou Samuel G. Armistead, entre muitos outros, têm dedicado importantes páginas a aprofundar o conhecimento das relações entre as baladas europeias e o romanceiro ibérico; não obstante, a imensa maioria dos críticos aqui citados preocupou-se, sobretudo, com os romances nascidos na Península, isto é, com os chamados romances épicos ou históricos. Ao mesmo tempo, quando se debruçaram sobre romances com clara procedência baladística, poucas vezes estudaram a íntima relação desses romances com as suas fontes, sendo talvez Armistead a mais notável excepção (Cf. entre outros estudos deste autor "Judeo-Spanish and Pan-European Balladry", in *Jahrbuch für Volksliedforschung*, Berlim, Erich Schmidt Verlag, 1979, pp. 127-138 e "Correspondências Pan-Europeias/Pan-European Analogues" in Manuel da Costa Fontes, *O Romancero Português e Brasileiro: Índice Temático e Bibliográfico*, II, Madison, Hispanic Seminary, 1997, pp.624-644). As razões não são inocentes, pelo que merecem ser assinaladas. O convincente trabalho pidalino, concentrado na preocupação de justificar a sua tese tradicionalista, obrigou o Mestre e todos os seus discípulos a pesquisarem, prioritariamente, os romances épicos, noticiosos e fronteiriços, com o objectivo de provar o grau de dependência do novo género em relação aos seus antecedentes épicos, no primeiro caso, ou o seu parentesco com os sucessos contemporâneos, no segundo e no terceiro. Para só mencionar a geração dos meus professores, vejamos os estudos de Diego Catalán sobre dois romances políticos do século XIV ("El buen prior Hernán Rodríguez", 1328; "Los jaboneros derrotan a Don Juan de la Cerda", 1357), sem esquecer o magistral estudo, incluído no seu livro *Siete siglos de Romancero*, Madrid, Gredos, 1970, intitulado "Helo, helo por do viene el moro por la calzada. Vida tradicional de un episodio del 'Mio Cid'". Recordemos também que a este mesmo romance Giuseppe Di Stefano e Paul Bénichou dedicaram, o primeiro um polémico livro que fez história na crítica romancística, *Sincronia e diacronia nel 'Romancero'*, Pisa, Univ. di

um romance de milagres oriundo de uma balada que, na Península, se cristalizou sob a forma *ao divino* de um tema profano europeu.

Bénichou localizou na tradição francesa duas baladas que contribuíram para a formação do romance "I Cómo no cantáis la bella?" e provou que, em França, ambas as baladas circulavam contaminadas. Para estabelecer os seus limites, penetrou na tradição pan-europeia e dá como certa a existência de um poema que intitulará "La dame délivrant son ami", base essencial do romance tradicional e de um outro, que designará como "La bergère au chant merveilleux". Vejamos este segundo tema, pois também ele tem o seu paralelo na tradição pan-hispânica.

Entre as páginas 267 e 268 do mencionado artigo, dá-nos a conhecer o tema de "La bergère", escrevendo:

"Cette chanson semble avoir été assez répandue à l'époque des collectes folkloriques, puisqu'on en a recueilli depuis le XIXe siècle une cinquantaine de versions dans les régions les plus diverses de France: exactement 47 versions à ma connaissance, la moitié environ avec leurs mélodies."

Dos exemplos fornecidos pelo autor, seleccionarei alguns versos a fim de recordarmos o tema:

---

Pisa, 1967 e o segundo um não menos importante trabalho, publicado num volume marcado pelo signo de uma autêntica revolução nos nossos afazeres críticos: *Creación poética en el romancero tradicional*, Madrid, Gredos, 1968. Acrescentaria que a maioria dos estudos de Catalán, Bénichou e Di Stefano que penetram em temas de origem baladística não têm a preocupação de procurar a sua filiação. Por exemplo, "O cativo do renegado", cujo paralelo baladístico foi, pelo menos, publicado por Child, não mereceu do primeiro qualquer referência, e do segundo mais do que uma sucinta observação: "este romance, hasta hoy poco estudiado, pertenece a la clase de los novelescos puros, sin antecedentes épico-históricos en la tradición de Castilla, y con numerosos parientes en el folclore poético universal." (*Creación*, p. 160). Não se leia nestas palavras uma sanção severa a críticos em cuja erudição bebi todos os meus conhecimentos. Como já disse, a omissão de trabalhos que tratem de decifrar os contactos entre a balada e o romancero não se deve à ignorância dessa relação mas, sim, a uma prioridade metodológica. No caso de Bénichou, o seu objectivo principal, na altura, foi enfatizar, de modo bem subversivo, a necessidade de procurar nos estudos romancísticos a dimensão criadora mais do que a dependência de um possível arquétipo ou fonte conhecida. Não obstante (e não há regra sem excepção), devemos a Paul Bénichou um dos escassos trabalhos sobre a balada peninsular e a balada europeia, trabalho modelar apesar dos já mais de trinta anos que medeiam entre a sua publicação e os nossos dias, e que servirá de base para este breve estudo.

Hier sur le pont d'Avignon j'ai oui chanter la belle.  
 Elle chantait d'un ton si doux comme une demoiselle,  
 que le fils du roi l'entendit du logis de son père.  
 Il appela ses serviteurs, valets et chambrières.  
 - Ça, que l'on bride mon cheval et lui mette sa selle.  
 - Monsieur, où voulez-vous aller? Ce n'est qu'une bergère.  
 - Bergère ou non, je veux la voir ou que mon cheval crève.  
 Quand il fut au milieu du bois la chanson était dite.  
 - Belle, recorde ta chanson, cell' que tu viens de dire.  
 - Hélas comment qu'je chanterais? J'ai le coeur en tristesse<sup>(6)</sup>

É fácil observar a presença do “Cómo no cántais la bella?” (ou de “La dame délivrant son ami”, se se preferir) no romance de “La bergère”. Aliás, esta presença levar-nos-ia a um outro curioso estudo, para o qual neste momento reúno elementos, onde se procuraria analisar a passagem desta balada ao romanceiro através das duas marcas nele deixadas: o romance profano e a versão *ao divino*, integrada no ciclo da paixão e morte de Cristo<sup>(7)</sup>. Contudo, lendo o “dénouement primitif” desta balada apresentado por Paul Bénichou, a partir de uma série de versões escandinavas desta mesma balada, pude observar que um outro romance por ele não detectado encontrava neste poema a sua fonte. Vejamos as suas palavras:

“pour en revenir à notre Bergère, il semble bien que sous sa forme primitive elle ait dû ignorer le Refus triste. Les bergères chantantes sont un lieu commun des pastourelles médiévales; [...] On le trouve, avec toute sa netteté, dans une ballade scandinave, très voisine de notre chanson par la première partie. Cette ballade de Bergère devenue reine, qui semble avoir joui d'une grande faveur dans le Nord, raconte comment le roi est éveillé, au plus haut étage de son palais, par le chant d'une bergère (ou meunière, ou chevrière); il s'adresse à ses pages (ou à son valet), croyant entendre le son d'une harpe d'or (ou bien: le Christ ou les anges, un oiseau, un cor doré); les pages le détrompent et lui font savoir que c'est la petite bergère qui

<sup>(6)</sup> art. cit., pp. 268-269.

<sup>(7)</sup> Ambos os modelos são conhecidos na tradição oral moderna portuguesa encontrando-se este tema, na sua versão profana, principalmente em Trás-os-Montes e no Arquipélago da Madeira contaminando a Bela Infanta (“Vuelta del marido”); por sua vez, o tema *ao divino* apresenta-nos a Virgem Maria, na mais profunda tristeza e que à pergunta de S. João “Por que não cantas, ó Virgem?” manifesta a impossibilidade de o fazer, pois seu filho vai ser crucificado.

chante. La plupart des versions disent ensuite comment le roi demande aux pages d'aller lui chercher la chanteuse; ils y vont et invitent la bergère à se présenter devant le roi, mais elle objecte son misérable vêtement de bure grise; on l'habille alors somptueusement (sur l'ordre du roi et parce qu'elle l'a demandé, ainsi qu'il ressort au moins de certaines versions). Elle se présente devant le roi, qui la prie de chanter pour lui en offrant quelque don précieux; selon les versions, elle repousse ou accepte le don, mais elle refuse en tout cas de chanter; le roi propose des dons de plus en plus importants, et jusqu'à la moitié de son royaume, avec aussi peu de succès; enfin il s'offre lui-même en mariage à la bergère, et elle accepte."<sup>(8)</sup>

Existe na tradição peninsular algum tema parecido? Juan Menéndez Pidal, no seu *Romancero Asturiano* (1881-1910) publica duas versões de um romance que intitula "La romera". Eis uma delas:

Por los senderos de un monte se pasea una romera  
blanca rubia y colorada, relumbra como una estrella:  
vióla el Rey desde sus torres, enamoróse délla.  
- ¿Dónde va la romerita por estos monte señera?  
- No vengo sola, buen rey, compañía traigo y buena:  
atrás viene mi marido, más hermoso que una estrella.  
A Santiago de Galicia voy cumplir mi cuarentena,  
que me la ofreció mi madre en la hora en que naciera.  
Manda el rey poner la tabla, manda el rey poner la mesa;  
al medio de su comida, se acordó de la romera:  
llamara un paje corriendo: - Vé buscar esa romera:  
nin por oro, nin por plata, non tornes aquí sin ella.  
- Romeras se encuentran muchas, y no sabré yo cuál era.  
- Como aquella romerita non las hay por esta tierra;  
blanca rubia, colorada, relumbra como una estrella;  
zapato de cordobán, una pulida gorguera,  
y una toca toledana que tal non la tien la reina;  
rosario, por que rezaba cinco extremos de oro lleva;  
por el segundo decía: "Muerto es quien vida espera."  
Bajara el paje corriendo; narchó tras de la romera.  
!Bien la viera relucir en medio de la arboleda!  
La encontrara sentadita debajo de una alameda.  
- Mándala llamar el rey para comer a su mesa.

---

<sup>(8)</sup> art. cit. pp. 271-272.

- Anda, paje, di a tu amo y dile desta manera:
- “Si él es rey de su reinado, yo soy de cielos y tierra.
- Si eres Reina de los cielos, yo la gloria te pidiera.
- Pajecico, sí, por cierto, y a cuantos de tí vinieran.”<sup>(9)</sup>

Se fizemos um cotejo entre o resumo elaborado pelo investigador francês e o tema que acabamos de ler observar-se-ão convergências que não parecem casuais:

- a) o rei apercebe-se da presença de uma romeira e apaixonava-se por ela;
- b) aproxima-se da jovem donzela e convida-a a ir ao palácio;
- c) a romeira rejeita (“atrás viene mi marido, más hermoso que una estrella./ A Santiago de Galicia voy cumplir mi cuarentena.”);
- d) volta o rei ao seu castelo e, com a profunda tristeza, mal pode comer;
- e) chama um pagem e ordena-lhe que vá buscar a romeira. Dá-lhe os seus traços, para que a reconheça, sendo eles os de uma mulher lindíssima;
- f) o pagem encontra a romeira e convida-a, em nome do rei, a que vá comer ao palácio;
- g) finalmente a romeira identifica-se: é a Virgem Maria.

Ao contrastarmos a balada sueca com o romance asturiano observamos que, na sua essência, ambos os temas são praticamente idênticos. Há, não obstante, também certas divergências que merecem ser analisadas. Vejamos essas diferenças.

No resumo fornecido por Bénichou, a pastora cantava. No nosso romance não há canto, mas esta variante não tem a importância que, à primeira vista, parecia ter. O passeio da romeira equivale, na linguagem formulística da balada tradicional, ao poder encantatório do canto. Por exemplo, o romance da “Silvana” pode começar:

Passeava a Silvana por sua corredor acima,  
 seu pai andava mirando, muito mais a miraria.  
 - Vem tu cá, D. Silvana, vem tu cá, filha minha;  
 bem podias tu, Silvana, seres uma noite minha.

---

<sup>(9)</sup> Juan Menéndez Pidal, *Poesía popular: Colección de los viejos romances que se cantan por los asturianos en la danza prima, esfoyzas y filandones*, Madrid, Hijos de J. A. García, 1885, pp. 221-222.

ou

Andava bela Silvana pelo corredor acima,  
s'ela canta, melhor baila, melhor romance fazia.  
Seu pai a andava mirando a l'acometer de amores.  
- Bem puderas, ó Silvana, seres uma noite minha<sup>(10)</sup>.

Assim, se a bela Silvana da segunda versão provoca a concupiscência de seu pai através do canto não precisa, no primeiro caso, do apoio de Orfeu para chamar a atenção paterna. Basta *passar*, mostrar-se, ostentar-se.

Por outro lado, no resumo de Bénichou, o rei ordena aos seus criados que chamem a romeira, enquanto que no nosso romance o rei "se bajara a hablar con ella" e pergunta: "¿Dónde va la romerita tan sola por esta tierra?" para, mais tarde, enquanto tenta comer, e perante a recusa da romeira a sentar-se à sua mesa, então, sim, recorrer aos serviços do seu pagem. No entanto, "aussi dans deux versions scandinaves [o rei] demande qu'on lui selle son cheval pour aller près d'elle."

A tradição espanhola pode ter conhecido estas duas alternativas e, em vez de optar por uma delas, aproveitou-as ambas, reorganizando assim a intriga deste poema tradicional.

Mas a opção por uma das possibilidades narrativas foi tomada, pelo menos, numa versão portuguesa, recolhida em Miranda do Douro. Nesta versão, o rei, avistando-a do seu palácio, diz aos seus criados:

- Altos, altos, meus criados, os que comem a mi mesa,  
aqui 'stão cem libras de ouro, ide-me por a donzela!  
Nem por ouro, nem por prata, não vos venhais sem ela!<sup>(11)</sup>

E a prova cabal de que esta organização do *récit* não se deve a uma omissão fortuita da sequência do rei, mas antes a uma consciente reestruturação do romance, comprova-se facilmente, pois uma parte das palavras que dizia o rei no seu primeiro encontro com a Virgem são pronunciadas por um dos criados:

---

<sup>(10)</sup> P. Ferré com a colaboração de V. Anastácio, J. J. Dias Marques e A. M. Martins, *Romances Tradicionais*, Funchal, Edição da Câmara Municipal, 1982, versões números 247 e 250, respectivamente.

<sup>(11)</sup> José Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Português*, II, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1960, versão numero 814. Conheço deste romance, em Portugal, as seguintes versões: Manuel da Costa Fontes, *Romanceiro da Província de Trás-os-Montes (Distrito de Bragança)*, I, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1987, pp. 546-547 (2 versões); Maria

- Eu aguardo a senhora sola por terras alhenas.
- Eu num soi solita, não, meu marido atrás queda.<sup>(12)</sup>

Onde começam as profundas divergências? No desenlace. A que não passava de uma simples pastora transforma-se, no mundo hispânico, na Virgem Maria, o que provocará, como é evidente, uma significativa modificação no texto. O fim da balada será distinto, pois o casamento alcançado pela rústica pastora vê-se obstaculizado pela mudança de personagem. O que a Virgem diz ao pagem numa versão portuguesa:

- Dizei lá ao vosso rei que eu não sou quem ele pensava.

Pode-se aplicar aos que lêem este romance. De facto, a protagonista não é quem nós pensávamos, pelo que o desenlace terá de se conformar a uma situação nova, criada a partir de uma tão importante modificação.

Estamos pois perante um caso pouco vulgar no romanceiro hispânico. É comum, como já se disse, falarmos de um romance *ao divino*; no entanto, o exemplo que acabo de mostrar apresenta-nos algo de mais invulgar: “O rei e a Virgem romeira” é uma das poucas versões *ao divino* oriundas de uma balada que, neste caso, é sem dúvida a designada por Paul Bénichou “La bergère au chant merveilleux” *ao divino*.

---

Aliete das Dores Galhoz, *Romanceiro Popular Português*, II, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, INIC, 1987, pp. 761-764 (4 versões); José Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Português*, Lisboa, David Corazzi, 1886, pp. 26-28, (1 versão); José Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Português*, II, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1960, pp. 324-328 (4 versões); Firmino A. Martins, *Folklore do Concelho de Vinhais*, I, Imprensa da Universidade, 1928. Reedição facsimilada, Vinhais, Edição da Câmara Municipal, 1987, pp. 148 e 224 (2 versões); Firmino A. Martins, *Folklore do Concelho de Vinhais*, II, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1938. Reedição facsimilada, Vinhais, Edição da Câmara Municipal, 1987, pp. 19-20, 53-54 e 63-64 (3 versões); José Augusto Tavares Teixeira, “Romanceiro trasmontano”, *Revista Lusitana*, IX, 1906, pp. 296-297 e 323. Para além destas versões, encontram-se arquivadas sob as siglas VR-911, 01249-01252, no Arquivo do Instituto de Estudos sobre o Romanceiro Velho e Tradicional da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 5 versões ainda inéditas, recolhidas em 1982 no concelho de Valpaços, distrito de Vila Real.

<sup>(12)</sup> *Ibidem*.